
A seletividade espacial das multinacionais brasileiras nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.

The space selectivity of brazilian multinationals in the governments of Fernando Henrique Cardoso and Luiz Inácio Lula da Silva

La selectividad espacial de las multinacionales brasileñas en los gobiernos de Fernando Henrique Cardoso y Luiz Inacio Lula da Silva

La sélectivité spatiale des multinationales brésiliennes dans les gouvernements de Fernando Henrique Cardoso et Luiz Inácio Lula da Silva

Luís Alberto Miranda Gouveia e Elzira Lucia de Oliveira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/3061>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.3061

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Refêrencia eletrónica

Luís Alberto Miranda Gouveia e Elzira Lucia de Oliveira, « A seletividade espacial das multinacionais brasileiras nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. », *Espaço e Economia* [Online], 11 | 2017, posto online no dia , consultado o 08 novembro 2018. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/3061> ; DOI : 10.4000/espacoeconomia.3061

Este documento foi criado de forma automática no dia 8 Novembro 2018.

© NuPEE

A seletividade espacial das multinacionais brasileiras nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.

The space selectivity of brazilian multinationals in the governments of Fernando Henrique Cardoso and Luiz Inácio Lula da Silva

La selectividad espacial de las multinacionales brasileñas en los gobiernos de Fernando Henrique Cardoso y Luiz Inacio Lula da Silva

La sélectivité spatiale des multinationales brésiliennes dans les gouvernements de Fernando Henrique Cardoso et Luiz Inácio Lula da Silva

Luís Alberto Miranda Gouveia e Elzira Lucia de Oliveira

Introdução

- 1 Na dinâmica globalizadora, em que cada vez mais empresas multinacionais ampliam seu poder econômico e político, o Brasil, por meio de suas empresas e das ações de política externa e Bancos de fomento, aparece como sujeito no mundo globalizado na primeira década deste século.
- 2 Este trabalho analisa a seletividade espacial das empresas brasileiras de forma geral e em particular nos governos dos ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso (FHC) (1995-2002) e Luis Inácio Lula da Silva (Lula) (2003-2010). São identificadas as empresas brasileiras que se internacionalizaram desde o final da década de 1950, bem como as empresas que se internacionalizaram pela primeira vez durante cada um dos governos analisados. Adicionalmente analisam-se as principais empresas brasileiras internacionalizadas que ampliaram a sua presença internacional nos períodos em análise. Além da pesquisa bibliográfica, este trabalho utilizou pesquisa documental e busca seletiva em sites de

empresas multinacionais para identificar as formas de internacionalização e as suas decisões locacionais.

- 3 Os dados levantados por meio dos procedimentos metodológicos realizados foram tratados e organizados em gráficos e tabelas. Acrescenta-se ainda que foi realizada a espacialização do destinos das multinacionais por meio do Aplicativo ArcGis visando identificar o padrão espacial da localização das multinacionais brasileiras durante os governos FHC e Lula.
- 4 Na segunda seção apresentam-se as principais teorias sobre internacionalização de empresas e especificamente a da Escola de Uppsala; a terceira seção aborda o processo de internacionalização das empresas brasileiras; na quarta seção analisa-se a internacionalização das empresas brasileiras durante os governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. Finalmente, na última seção, são feitas as considerações finais do trabalho.

A internacionalização de empresas

- 5 A literatura sobre o internacionalização de empresas apresenta três formas básicas de internacionalização: a exportação de mercadorias, o licenciamento de tecnologia e o investimento externo, que pode ser direto (IED) ou de portfólio. Gonçalves (1998) apresenta a diferença entre o Investimento de portfólio e o IED:

O investimento externo direto envolve a compra de cotas ou ações em empresas no exterior com o propósito de exercer o controle sobre a empresa receptora do investimento. (...) O investimento externo de portfólio corresponde aos fluxos de capitais que não são orientados para o controle operacional da empresa receptora do capital externo (GONÇALVES, 1998, p.123).

- 6 Essas duas formas de investimento também se diferenciam pelo percentual de participação do investidor estrangeiro na empresa. Quando a participação se limita a até 10% do capital, ela é considerada como investimento de portfólio, quando ultrapassa 10%, permitindo que o investidor participe do processo de gestão da empresa, caracteriza-se como Investimento Externo Direto (IED). Em suas contribuições sobre o IED, Gonçalves afirma ainda que este pode ser considerado como “o deslocamento da empresa de seu país de origem para atuar também no exterior” (GONÇALVES, 2005, p.108).
- 7 Atualmente não há uma teoria geral que explique o processo de internacionalização de empresas, contudo coexistem diversas teorias que buscam explicar a internacionalização das empresas, visando responder questões como: “quando”, “onde”, “como” e “por que” se internacionalizar.
- 8 Dentre as teorias da internacionalização de empresas, destacam-se a Escola de Uppsala, de abordagem comportamental, que se baseia nas ideias de pesquisadores da Universidade de Uppsala na Suécia durante a década de 1970. Segundo esses pesquisadores, a “internacionalização é um processo no qual as firmas aumentam gradualmente seu envolvimento internacional” (Johanson e Vahlne, 1977, apud SANTOS, 2013, p.31) se caracterizando como um processo seqüencial. Para esses autores, a internacionalização parte de fenômenos mais básicos para processos mais complexos, como por exemplo, da exportação de mercadorias e implantação de subsidiária até a instalação de uma planta de produção no país receptor do investimento. Esse modelo assume a premissa de que o conhecimento internacional, adquirido por meio da experiência, é fundamental no processo de internacionalização.

- 9 Outra contribuição dessa teoria é o conceito de distância psíquica que a Escola de Uppsala definiu como “a soma dos fatores que interferem no fluxo de informação entre países” (HILAL; HEMAIS, 2003, p.115). A incerteza com o resultado de uma ação da empresa aumenta com a distância psíquica entre o país de origem e o país receptor do investimento. Dentre os fatores que afetam a distância psíquica estão o nível de desenvolvimento do país, conteúdo educacional, idioma, cultura, sistema político e a forma de fazer negócios.
- 10 A distância psíquica permite compreender por que as empresas suecas, objeto de estudo no modelo de Uppsala, começaram o seu processo de internacionalização em mercados que apresentavam alguma proximidade geográfica ou psicológica, a exemplo de cultura similar, para gradualmente se inserir em mercados com uma distância psíquica maior. O fator localização está compreendido nessa teoria, já que as empresas atuavam, de maneira gradual, primeiro em países próximos geograficamente ou com culturas similares (distância psíquica) para depois partirem para outros mercados.
- 11 A escolha exclusiva pela abordagem da Escola de Uppsala, que busca explicar a internacionalização de empresas, primeiramente, para países que apresentam menor distância psíquica ocorre por estar ser a teoria que melhor se relaciona com a expansão internacional das empresas brasileiras, conforme se verificará nas próximas seções.

A internacionalização das empresas brasileiras

- 12 O relatório da Fundação Dom Cabral (FDC) 2011 construiu um indicador de internacionalização e apresenta o ranking das maiores multinacionais brasileiras no ano de 2010¹ (tabela 1), segundo o indicador de internacionalização construído².
- 13 A JBS-Friboi foi classificada no ano de 2010 como a empresa mais internacionalizada do Brasil, seguida pelas Stefanini IT Solutions, Gerdau, Ibope, Marfrig, respectivamente (FDC, 2011).
- 14 O mesmo relatório apresenta as empresas que têm maior número de unidades no exterior, sejam escritórios comerciais, centros de distribuição, unidades produtivas, centros de montagem ou prestação de serviços. Nesse indicador, as empresas que lideraram o ranking com maior presença física no exterior foram: Vale, Andrade Gutierrez, Votorantim e Stefanini IT Solutions (FDC, 2011).

Tabela 1
Ranking das empresas brasileiras mais internacionalizadas em 2010

Posição	Empresa	Setor principal	Índice de transnacionalidade
1	JBS-Friboi	Alimentos	0,596
2	Stefanini IT Solutions	Tecnologia da Informação	0,469
3	Gerdau	Siderurgia e Metalurgia	0,462
4	Ibope	Pesquisa de Mercado e Opinião	0,423
5	Marfrig	Alimentos	0,380
6	Metalfrío	Refrigeradores	0,337
7	Odebrecht	Construção	0,327
8	Suzano	Celulose e Papel	0,315
9	Sabó	Autopeças	0,311
10	Vale	Mineração	0,292
11	Magnesita	Produtos Refratários	0,288
12	Tigre	Material de Construção	0,263
13	Lupatech	Equipamentos e Peças	0,238
14	Artecola	Produtos Químicos	0,220
15	Votorantim	Cimento, Metalurgia, Celulose e Papel	0,205
16	Weg	Máquinas e Materiais Elétricos	0,199
17	Brasil Foods	Alimentos	0,195
18	Embraer	Aeronáutico	0,187
19	Ci&T Software	Tecnologia da Informação	0,158
20	Marcopolo	Veículos Automotores e Carrocerias	0,158
21	Camargo Corrêa	Construção, Cimentos, Têxteis e Calçados	0,157
22	Tam	Transporte Aéreo	0,131
23	Agrale	Veículos Automotores e Implementos	0,129
24	América Latina	Logística	0,097
25	Natura	Cosméticos e Higiene Pessoal	0,097
26	Azaléia	Calçados	0,093
27	Petrobras	Petróleo e Gás Natural	0,083
28	BRQ IT Services	Tecnologia da Informação	0,080
29	Cia Providência	Higiênicos e Descartáveis	0,061
30	Alusa	Energia Elétrica	0,053
31	Andrade Gutierrez	Construção	0,047
32	Minerva	Alimentos	0,044
33	Bematech	Tecnologia da Informação	0,041
34	Ultrapar	Produtos Químicos e Distribuição de Combustíveis	0,030
35	DHB	Autopeça	0,030

FONTE: FDC, 2011.

- 15 Com o objetivo de identificar a espacialidade dos primeiros investimentos de empresas brasileiras no exterior, o quadro 1 apresenta informações do destino e o ano em que foram realizados investimentos no exterior. Os dados identificam 96 empresas que realizaram investimento por meio de IED desde o final da década de 1950 até o ano de 2010.
- 16 Verifica-se que mais da metade, (54%) das empresas elegeu a América do Sul como destino inicial de suas atividades internacionais, enquanto que a América do Norte (exceto México) e a Europa responderam por 18% e 16%, respectivamente. Analisados individualmente, a Argentina e os EUA foram os países mais selecionados pelas empresas brasileiras para iniciar atividades em território estrangeiro. A Argentina foi o território selecionado por 22 empresas, ao passo que Os Estados Unidos da América foi o destino de 16 empresas, seguidos pelo Chile, onde oito empresas iniciaram suas operações internacionais. Dentre essas empresas cita-se a Ambev, Stefanini It Solutions, JBS Friboi e Marfrig na Argentina e Vale, Embraer, WEG e Votorantim nos EUA.
- 17 Segundo Sposito e Santos, diversos fatores contribuíram para o início das atividades internacionais de empresas brasileiras, entre as quais destacam-se: capacidade tecnológica e administrativa adquirida durante a consolidação da industrialização e da acumulação do capital do país, oferta de produtos e serviços de alto padrão, adaptação de tecnologias de produtos e processos adequadas às condições dos países subdesenvolvidos, utilização de fatores de produção mais baratos do Brasil, benefícios da integração latino-americana e das isenções fiscais, aquisição de marcas e redes de distribuição, obtenção de tecnologia estratégica mediante uso de tecnologia de vanguarda, atendimento a mercados

externos por intermédio de subsidiárias, desaceleração do mercado doméstico, prioridades governamentais, busca de mercados, ativos estratégicos e proximidade do cliente (SPOSITO; SANTOS, 2012). Os fatores que contribuíram para a expansão internacional de empresas brasileiras devem ser entendidas no contexto de vantagens específicas das empresas ou setores econômicos e o cenário macroeconômico que possibilitou esses investimentos em cada período.

Quadro 2

Principais Empresas multinacionais Brasileiras com IED, segundo ano de internacionalização, país e região de localização

EMPRESA	ANO	PAIS	REGIÃO	EMPRESA	ANO	PAIS	REGIÃO
Suzano	1959	Argentina	América do Sul	Sifco	1989	EUA	América do Norte (exceto México)
Magnésita	1960	Argentina	América do Sul	Staroup	1989	Portugal	Europa
Eluma	1968	Argentina	América do Sul	Ibope	1990	Argentina	América do Sul
Mendes Junior	1969	Bolívia	América do Sul	Perdigão	1990	Alemanha	Europa
Pão de Açúcar	1970	Portugal	Europa	Safra	1991	Japão	Ásia
Marcopolo	1971	Venezuela	América do Sul	Multibras	1991	Argentina	América do Sul
Petrobras	1972	Colômbia/ Iraque	América do Sul/Oriento Médio	Weg	1991	EUA	América do Norte (exceto México)
Cello	1973	Bolívia	América do Sul	Randon	1992	Portugal	Europa
Grudiente	1973	México	América do Sul	Santista	1995	Argentina	América do Sul
Tenenge	1975	Paraguai	América do Sul	Duralex	1995	Argentina	América do Sul
Copersucar	1976	EUA	América do Norte (exceto México)	Azaleia	1995	EUA	América do Norte (exceto México)
Inepar	1976	Chile	América do Sul	Urrutinas	1996	Venezuela	América do Sul
Villares	1977	Chile	América do Sul	Siefman IT Solutions	1996	Argentina	América do Sul
Tigre	1977	Paraguai	América do Sul	Klabin	1996	Argentina	América do Sul
Camargo Corbisa	1978	Venezuela	América do Sul	Tam	1996	Paraguai	América do Sul
Cofa	1978	Nigéria	África	Artecola	1997	Argentina	América do Sul
Inbrac	1978	Paraguai	América do Sul	Cutral	1997	EUA	América do Norte (exceto México)
Alpargatas	1978	Canadá	América do Norte (exceto México)	Embraer	1998	Eslovênia	Europa
Sabó	1978	Alemanha	Europa	América Latina Logística	1999	Argentina	América do Sul
Odebrecht	1979	Peru	América do Sul	Busscar	2000	Cuba	América Central, Caribe e México
Cica	1979	Argentina	América do Sul	Votorantim	2001	EUA	América do Norte (exceto México)
CPRM	1979	África	África	Benatech	2001	EUA	América do Norte (exceto México)
Securit	1979	EUA	América do Norte (exceto México)	CSN	2001	EUA	América do Norte (exceto México)
Securit	1979	EUA	América do Norte (exceto México)	Ambev	2002	Argentina	América do Sul
Embraer	1979	EUA	América do Norte (exceto México)	Ultrapar	2003	México	América Central, Caribe e México
Gerdau	1980	Uruguai	América do Sul	Seculus	2004	Sulpa	Europa
Itap	1980	Chile	América do Sul	JBS Friboi	2005	Argentina	América do Sul
Caraliba	1982	Chile	América do Sul	Lupatech	2005	EUA	América do Norte (exceto México)
Natura	1983	Chile	América do Sul	Alusa	2005	Chile	América do Sul
Furpresa	1983	Alemanha	Europa	Cemig	2005	Chile	América do Sul
Andrade Gutierrez	1984	Congo	África	Berlin	2006	Uruguai	América do Sul
Queiroz Galvão	1984	Uruguai	América do Sul	Marfrig	2006	Argentina	América do Sul
Vale	1984	EUA	América do Norte (exceto México)	Metafric	2006	Turquia	Europa
ValeParanaíba	1984	EUA/Guiana	América do Norte (exceto México)/América do Sul	C&T Software	2006	EUA	América do Norte (exceto México)
Toga	1984	EUA	América do Norte (exceto México)	BRO IT Services	2007	EUA	América do Norte (exceto México)

Fonte: Fundação dom Cabral (2011); Sposito, Santos (2012a); Informações disponíveis na home Page das empresas. Organizado pelo autor.

Quadro 2 - Continuação

Principais Empresas multinacionais Brasileiras com IED, segundo ano de internacionalização, país e região de localização

Bardella	1985	EUA	América do Norte (exceto México)	Unigel	2006	México	América Central, Caribe e México
Globo	1985	Itália	Europa	Tegma	2007	Venezuela	América do Sul
Metal Leve	1985	Inglaterra	Europa	Camil	2007	Uruguai	América do Sul
Cofap	s.d.	Alemanha	Europa	Brasil Foods	2008	Holanda	Europa
Labra	1985	Portugal	Europa	Agrale	2008	Argentina	América do Sul
Nansen	1985	Colômbia	América do Sul	Minerva	2008	Paraguai	América do Sul
Grendene	1985	Argentina	América do Sul	Oi	2008	Moçambique	África
Hering	1985	Argentina	América do Sul	Bom Retiro	2008	Argentina	América do Sul
Vachi	1985	Inglaterra	Europa	Independência	2008	Paraguai	América do Sul
Sharp	1985	EUA	América do Norte (exceto México)	Schulz	2008	China	Ásia
Cacique	1987	China	Ásia	Eurofarma	2009	Argentina	América do Sul
Brahma	1987	Argentina	América do Sul	Vulcabras	2009	Argentina	América do Sul
Incasa	1988	Chile	América do Sul	Braskem	2009	México	América Central, Caribe e México
				lochep-Maxion	2010	EUA	América do Norte (exceto México)

Fonte: Fundação dom Cabral (2011); Sposito, Santos (2012a); Informações disponíveis na home Page das empresas. Organizado pelo autor.

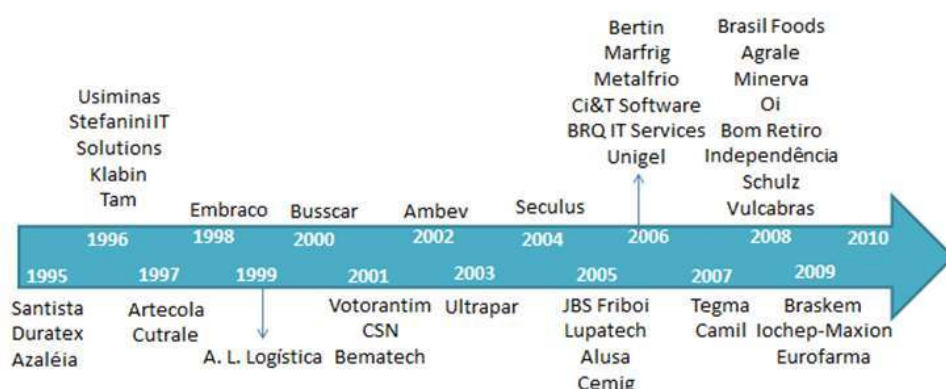
- 18 Constata-se, a partir dos dados apresentados no quadro 2, que a internacionalização de empresas brasileiras por meio de IED não é um fenômeno novo, constam operações da Suzano em 1959 e Magnesita em 1960.

A internacionalização de empresas no período FHC e Lula

- 19 Do total de empresas brasileiras que realizaram algum investimento externo direto desde 1959 até 2010, aproximadamente 43% se internacionalizaram pela primeira vez durante os governos de FHC (1995-2002) e Lula (2003-2010).
- 20 A Linha do Tempo apresentada na figura 1 permite comparar o número de empresas que se internacionalizaram durante os governos dos dois ex-presidentes. Verifica-se que durante os dois mandatos do presidente Fernando Henrique Cardoso apenas 16 empresas brasileiras se internacionalizaram. Em contraposição, durante os anos do governo Luís Inácio Lula da Silva, 25 empresas se internacionalizaram por meio de IED.

Figura 1

Linha do Tempo: Primeira Internacionalização via IED de empresas brasileiras no período FHC (1995-2002) e Lula (2003-2010).



Fonte: Fundação dom Cabral (2011); Sposito, Santos (2012); Informações disponíveis na home Page das empresas. Organizado pelo autor.

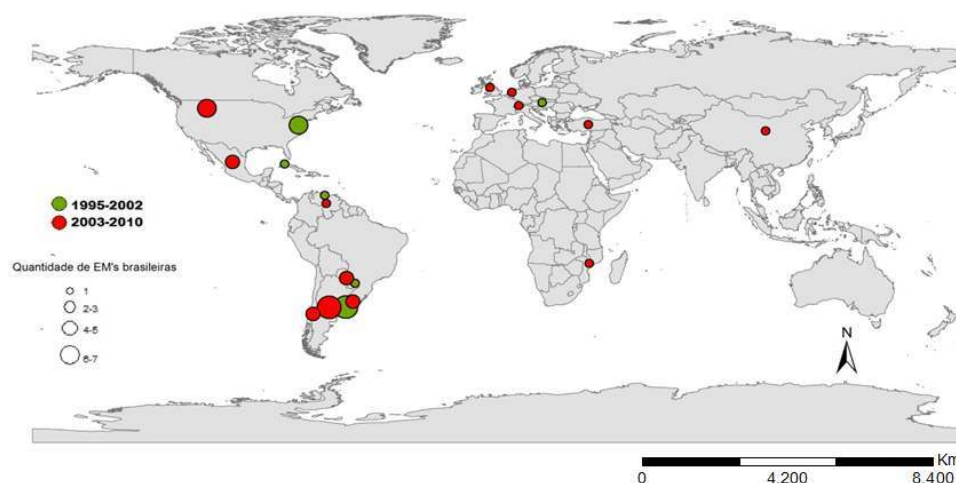
- 21 O ano de 1996 foi o ano que mais empresas se internacionalizaram durante todo o período das gestões do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Já nos governos do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, os anos de 2006 e 2008 foram aqueles em que maior número de empresas iniciaram suas atividades no exterior.
- 22 A figura 2 apresenta a espacialização dos destinos de IED de empresas brasileiras que se internacionalizaram pela primeira vez, durante o governo FHC e Lula. Verifica-se que no período FHC houve uma concentração regional, principalmente na América do Sul, como destino inicial de internacionalização. Das 16 empresas que se internacionalizaram nesse período, nove iniciaram suas atividades na região, enquanto cinco investiram na América do Norte (exceto México), e uma se direcionou para a Europa e outra para a América Central e México. A Argentina foi o país selecionado por sete empresas, já os Estados Unidos foi eleito por três empresas. Paraguai e a Venezuela receberam uma empresa cada um.
- 23 No período que compreende o governo Lula (2003-2010) verifica-se diversificação dos destinos das operações internacionais de empresas brasileiras via IED. Em que pese a América do Sul permanecer como o principal destino, sendo o lócus privilegiado de 15 das 25 empresas que iniciaram suas atividades internacionais, outras regiões aparecem como destino dos primeiros investimentos internacionais de empresas brasileiras: América do Norte (exceto México) recebeu quatro empresas, América Central e México receberam três, o continente Europeu recebeu investimentos de três empresas, a África e Ásia foram destino de uma empresa cada.
- 24 Apesar dessa diversificação espacial, muitas empresas ainda continuaram investindo, primeiramente nos países vizinhos. Durante o governo Lula, a Argentina também foi destino principal das empresas brasileiras para iniciar as operações internacionais, recebendo investimentos de seis empresas, já EUA foi de quatro empresas e o México aparece na sequência com três empresas.
- 25 Cumpre ressaltar que duas das quatro empresas elegeram os EUA como primeiro destino das operações internacionais são do setor de tecnologia da informação (Ci&T Software e BRQ IT Services). A empresa JBS-Friboi, que iniciou seu processo de internacionalização

no período do governo Lula, recebeu financiamento do BNDES para iniciar sua inserção internacional por meio de IED.

- 26 Além da Argentina, outros países sul-americanos também foram o primeiro destino de internacionalização de empresas brasileiras, como, por exemplo, o Chile, Uruguai e Paraguai que receberam, cada um, duas empresas.
- 27 Dados apresentados em Sposito e Santos (2012) e na *home page* das empresas multinacionais brasileiras permitem afirmar que 10 das 16 empresas que se internacionalizaram no período 1995-2002 iniciaram as atividades internacionais por meio de aquisição de outras empresas. Entre essas, cita-se a CSN, Ambev e Tigre. A Klabin e Embraco instalaram plantas industriais nos países de destino. A Usiminas se internacionalizou por meio de participação acionária, a Multibras por meio de uma *joint venture* e a Azaléia e Bematech instalaram filiais de vendas.

Figura 2

Espacialização do Destino das empresas brasileiras durante os governos FHC e Lula



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em SPOSITO; SANTOS, (2012); Sites oficiais das empresas.

- 28 No governo Lula, das 25 empresas que iniciaram sua internacionalização, 15 o fizeram por meio da aquisição de outras empresas, entre essas estão a JBS-Friboi, Marfrig, Metalfrio e Eurofarma. A Braskem, Schulz, Tegma e Seculus optaram por se internacionalizar por intermédio de *joint ventures*. A Agrale foi a única empresa, presente na pesquisa, cuja internacionalização foi por meio da implantação de uma planta industrial no país destino. As empresas do setor de tecnologia Brq IT Services e Ci&T Softwares abriram filiais de vendas no início de sua internacionalização, a Cemig e Alusa se inseriram no mercado internacional exportando serviços (energia e infraestrutura, respectivamente).
- 29 Algumas empresas que se internacionalizaram por meio de IED, durante os governos de FHC e Lula, expandiram seus investimentos nesse período para outros países, além disso, empresas que já haviam se internacionalizado anteriormente, também expandiram suas operações internacionais no interregno destes dois governantes.
- 30 No quadro 3 apresenta-se a expansão internacional de empresas brasileiras durante o governo FHC e, por meio dos dados, é possível afirmar que Petrobrás (expandiu para oito países), Odebrecht (sete países), Andrade Gutierrez (seis países) e Stefanini IT Solutions (cinco países) foram as que mais se expandiram. Algumas dessas empresas apresentaram

mais de uma operação em um mesmo país. A Gerdau e Tigre, por exemplo, apesar de terem se expandido para três países, realizaram sete e seis operações de expansões internacionais, respectivamente.

Quadro3

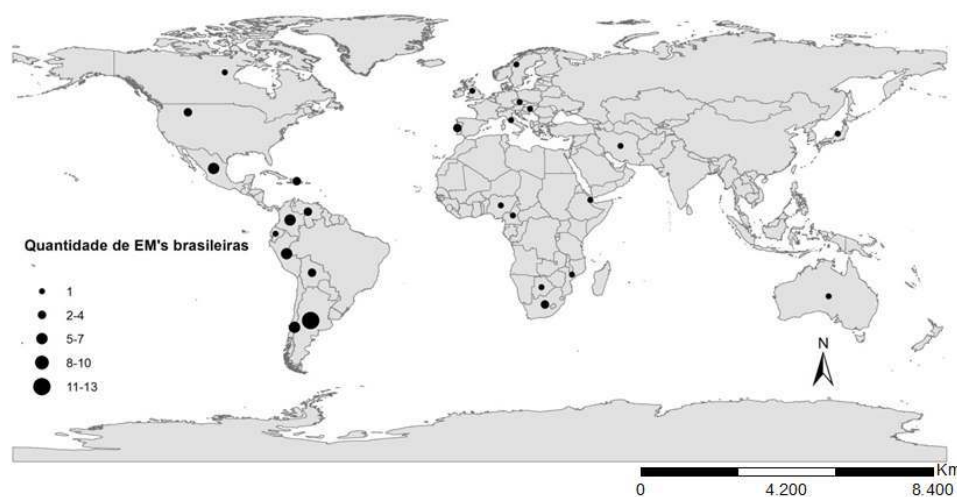
Empresas que se internacionalizaram durante o governo FHC, por anos e país de destino

Empresa	Ano	Destino	Empresa	Ano	Destino
Andrade Gutierrez	1995	Portugal	Odebrecht	1997	Colômbia
Andrade Gutierrez	1995	Irã	Odebrecht	2002	Bolívia
Andrade Gutierrez	1995	EUA	Odebrecht	2002	Djibuti
Andrade Gutierrez	1996	Camarões	Odebrecht	2002	República Dominicana
Andrade Gutierrez	1996	Peru	Petrobras	1995	Bolívia
Andrade Gutierrez	2002	República Dominicana	Petrobras	1996	Equador
Andrade Gutierrez	2002	Peru	Petrobras	1997	Bolívia
Artecola	1997	Argentina	Petrobras	1998	Colômbia
Artecola	2000	Chile	Petrobras	1998	Nigéria
Azaleia	2000	Colômbia	Petrobras	1998	Austrália
Azaleia	2000	Peru	Petrobras	1999	Bolívia
Azaleia	2000	Chile	Petrobras	1999	Argentina
Azaleia	2001	Rep Tcheca	Petrobras	2000	Japão
Azaleia	2002	México	Petrobras	2001	Argentina
Busscar	1998	México	Petrobras	2002	Argentina
Busscar	2001	Noruega	Petrobras	2002	Venezuela
Busscar	2002	Colômbia	Petrobras	2002	Argentina
Camargo Corrêa	1995	Argentina	Randon	1998	Argentina
Camargo Corrêa	1996	Colômbia	Sabó	1997	Reino Unido
Camargo Corrêa	1997	Peru	Sabó	1997	Itália
Camargo Corrêa	1999	Chile	Sabó	1997	Hungria
Coleminas	2001	Argentina	Santista	1995	Argentina
Duralex	1995	Argentina	Santista	1999	Chile
Gerdau	1995	Canadá	Stefanini IT Solutions	2000	Chile
Gerdau	1997	Argentina	Stefanini IT Solutions	2000	México
Gerdau	1998	Argentina	Stefanini IT Solutions	2001	Colômbia
Gerdau	1999	EUA	Stefanini IT Solutions	2001	EUA
Gerdau	2002	EUA	Stefanini IT Solutions	2001	Peru
Gerdau	2002	EUA	Suzano	2001	Portugal
Gerdau	2002	EUA	Tigre	1997	Chile
Marcopolo	1998	Argentina	Tigre	1998	Argentina
Marcopolo	1999	México	Tigre	1999	Argentina
Marcopolo	1999	México	Tigre	1999	Chile
Marcopolo	2001	Colômbia	Tigre	2000	Bolívia
Marcopolo	2001	África do Sul	Tigre	2000	Bolívia
Marcopolo	2001	Colômbia	Usiminas	1996	Venezuela
Marcopolo	2001	África do Sul	Vale	2002	Peru
Multibras	1995	Argentina	Weg	2000	Argentina
Odebrecht	1995	Moçambique	Weg	2000	Argentina
Odebrecht	1996	Botsuana	Weg	2002	México
Odebrecht	1997	Colômbia	Weg	2002	Portugal
Odebrecht	1997	África do Sul	Vale	2002	Peru
Total			84 operações		26 países

Fonte: Fundação dom Cabral (2011); Sposito, Santos (2012); Informações disponíveis na home Page das empresas. Organizado pelo autor.

- 31 A figura 3 mostra a distribuição espacial dos investimentos realizados pelas multinacionais brasileiras durante o governo de FHC. No período correspondente (1995-2002) foram realizadas 84 operações de expansão internacional direcionadas a 26 países diferentes, enquanto que durante o governo Lula (2003-2010) foram realizadas 214 operações de internacionalização destinadas a 55 países distintos.
- 32 Durante o governo FHC, a Argentina recebeu 12 diferentes empresas multinacionais (EM's) brasileiras, já internacionalizadas, se consolidando como o principal destino das multinacionais do Brasil, com destaque para a Gerdau, Petrobras, Tigre e Weg que realizaram mais de um tipo de operação no país. Destacam-se ainda a Colômbia com a atuação de sete EM's brasileiras, entre elas a Marcopolo e Odebrecht.
- 33 No contexto geral, as empresas que mais expandiram operações no exterior foram a Petrobras com 12 operações em oito países diferentes, a Odebrecht com oito operações em sete países e a Andrade Gutierrez, Marcopolo e Gerdau com sete operações cada.

Figura 3
Distribuição espacial da expansão das empresas multinacionais (em's) brasileiras durante o governo FHC - 1995-2002



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em SPOSITO; SANTOS, (2012); Sites oficiais das empresas.

- 34 As operações das EM's brasileiras no período incluem tanto a instalação de plantas industriais, escritórios comerciais, exportação de serviços, quanto operações de fusões e aquisições de empresas locais (SPOSITO; SANTOS, 2012).
- 35 O quadro 4 apresenta os destinos de IED por empresa durante os oito anos de governo Lula, verifica-se que as principais empresas que ampliaram suas operações internacionais, expandindo o IED pelo mundo foram: Petrobrás (13 países), Vale (10 países), Marfrig e Gerdau (nove países) e Odebrecht e Votorantim (sete países).

Quadro 4

Empresas que se internacionalizaram durante o governo Lula, por anos e país de destino

Empresa	Ano	Destino	Empresa	Ano	Destino
Bematech	2003	Taiwan	Odebrecht	2007	Djibuti
CSN	2003	Portugal	Pertigão	2007	Holanda
Odebrecht	2003	Equador	Petrobras	2007	Paquistão
Odebrecht	2003	República Dominicana	Petrobras	2007	Índia
Odebrecht	2003	Emirados Árabes Unidos	Petrobras	2007	Portugal
Petrobras	2003	Peru	Petrobras	2007	Japão
Petrobras	2003	México	Petrobras	2007	Senegal
Stefanini IT Solutions	2003	Espanha	Sabó	2007	EUA
Stefanini IT Solutions	2003	Portugal	Tigre	2007	Equador
Stefanini IT Solutions	2003	Itália	Tigre	2007	EUA
Votorantim	2003	EUA	Unigel	2007	México
Votorantim	2003	EUA	Vale	2007	Austrália
Ambev	2004	Belgica	Votorantim	2007	EUA
Articola	2004	Colômbia	Votorantim	2007	EUA
Camargo Corrêa	2004	Suriname	Articola	2008	México
Camargo Corrêa	2004	Peru	Articola	2008	México
Gerdau	2004	Colômbia	Bematech	2008	EUA
Odebrecht	2004	Venezuela	Bematech	2008	China
Petrobras	2004	Uruguai	Berlin	2008	Itália
Petrobras	2004	Tanzânia	Camargo Corrêa	2008	Peru
Petrobras	2004	China	Camargo Corrêa	2008	Chile
Petrobras	2004	Irã	Camargo Corrêa	2008	Suíça
Votorantim	2004	México	Camargo Corrêa	2008	Uruguai
Votorantim	2004	EUA	Embraer	2008	EUA
Votorantim	2004	Peru	Gerdau	2008	Guatemala
Weg	2004	China	Itbop	2008	México
Alusa	2005	Argentina	JBS Friboi	2008	EUA
Azaleia	2005	China	JBS Friboi	2008	Itália
Azaleia	2005	Argentina	JBS Friboi	2008	Austrália
Camargo Corrêa	2005	Argentina	JBS Friboi	2008	EUA
Camargo Corrêa	2005	Venezuela	JBS Friboi	2008	EUA
Camargo Corrêa	2005	Peru	Magnesita	2008	Alemanha
Camargo Corrêa	2005	Uruguai	Marcopolo	2008	Egito
Camargo Corrêa	2005	Bolívia	Marfrig	2008	Reino Unido
Gerdau	2005	Espanha	Odebrecht	2008	Argentina
Gerdau	2005	Argentina	Odebrecht	2008	Argentina
Odebrecht	2005	Mozambique	Odebrecht	2008	Libia
Odebrecht	2005	Argentina	Odebrecht	2008	Peru
Petrobras	2005	Libia	Petrobras	2008	Chile
Votorantim	2005	EUA	Sabó	2008	China
Camargo Corrêa	2006	Colômbia	Stefanini IT Solutions	2008	Canadá
Camargo Corrêa	2006	Espanha	Tigre	2008	Peru
Colminas	2006	EUA	Tigre	2008	Colômbia
CSN	2006	EUA	Vale	2008	Mozambique
Gerdau	2006	Peru	Votorantim	2008	EUA
JBS Friboi	2006	Argentina	Votorantim	2008	Colômbia
Lupatech	2006	Argentina	Votorantim	2008	Chile
Lupatech	2006	Argentina	Votorantim	2008	Peru
Marcopolo	2006	Rússia	Weg	2008	Rússia
Marcopolo	2006	Índia	Alusa	2009	Costa Rica
Marfrig	2006	Uruguai	Andrade Gutierrez	2009	Peru
Marfrig	2006	Chile	Camargo Corrêa	2009	Angola
Marfrig	2006	Uruguai	Camargo Corrêa	2009	Venezuela
Odebrecht	2006	Angola	Camargo Corrêa	2009	Mozambique
Odebrecht	2006	Emirados Árabes Unidos	Camargo Corrêa	2009	Argentina
Odebrecht	2006	Argentina	Camargo Corrêa	2009	Guaracá
Odebrecht	2006	Panamá	Camargo Corrêa	2009	Angola
Petrobras	2006	EUA	C&T Software	2009	Japão

Fonte: Fundação dom Cabral (2011); Sposito, Santos (2012); Informações disponíveis na home Page das empresas. Organizado pelo autor.

Quadro 4 - Continuação

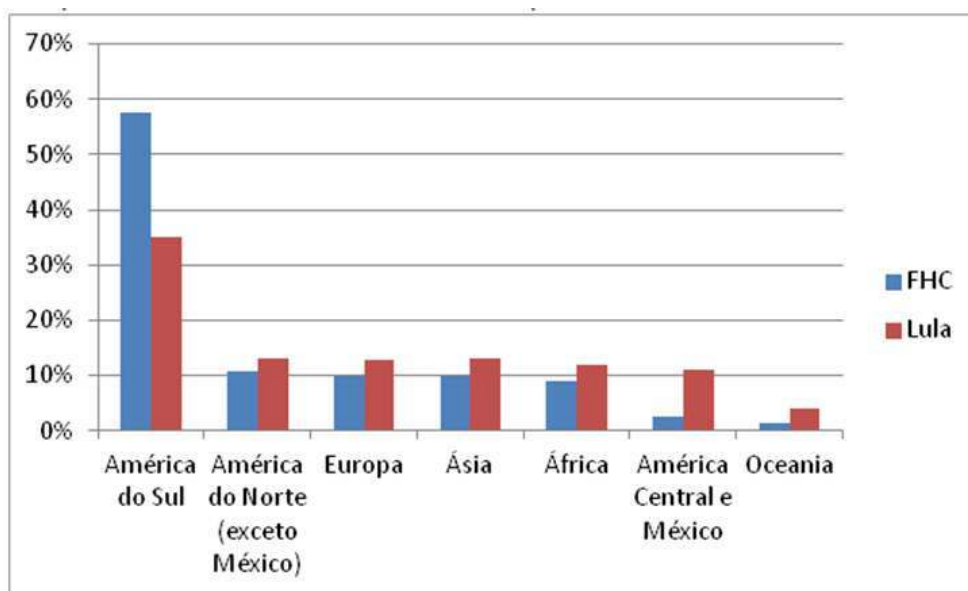
Empresas que se internacionalizaram durante o governo Lula, por anos e país de destino

Petrobras	2006	Guiné Equatorial	O&T Software	2009	China
Petrobras	2006	Paraguai	CSN	2009	Austrália
Petrobras	2006	Mocambique	Ibope	2009	Porto Rico
Petrobras	2006	Colômbia	JBS Friboi	2009	EUA
Petrobras	2006	Uruguai	JBS Friboi	2009	Austrália
Petrobras	2006	Turquia	JBS Friboi	2009	Austrália
Stefanini IT Solutions	2006	Reino Unido	Odebrecht	2009	Libia
Stefanini IT Solutions	2006	Índia	Odebrecht	2009	China
Ultrapar	2006	Venezuela	Odebrecht	2009	Peru
Vale	2006	Canadá	Odebrecht	2009	República Dominicana
Vale	2006	Indonésia	Petrobras	2009	Chile
Vale	2006	Reino Unido	Unigel	2009	México
Vale	2006	Coreia do Sul	Votorantim	2009	Paraguai
Vale	2006	Taiwan	Votorantim	2009	Argentina
Vale	2006	Nova Caledônia	Votorantim	2009	Uruguai
Vale	2006	Japão	Weg	2009	Índia
Weg	2006	México	Andrade Gutierrez	2010	Venezuela
Andrade Gutierrez	2007	Angola	Andrade Gutierrez	2010	Peru
Articola	2007	Argentina	Braskem	2010	EUA
Articola	2007	Chile	Camargo Corrêa	2010	Argentina
Articola	2007	México	Camargo Corrêa	2010	Portugal
Articola	2007	Peru	Camargo Corrêa	2010	Espanha
Bematech	2007	Argentina	Camargo Corrêa	2010	Paraguai
Bematech	2007	Alemanha	CSN	2010	Espanha
Bertin	2007	China	Enbraer	2010	China
Camargo Corrêa	2007	Angola	Eurofarma	2010	Uruguai
Camargo Corrêa	2007	México	Eurofarma	2010	Bolívia
Camargo Corrêa	2007	Angola	Eurofarma	2010	Chile
Camargo Corrêa	2007	Angola	Gerdau	2010	EUA
Camargo Corrêa	2007	Peru	Gerdau	2010	EUA
Gerdau	2007	México	Ibope	2010	EUA
Gerdau	2007	Venezuela	JBS Friboi	2010	Bélgica
Gerdau	2007	República Dominicana	Marfrig	2010	EUA
Gerdau	2007	Índia	Marfrig	2010	China
Gerdau	2007	EUA	Marfrig	2010	Irlanda do Norte
JBS Friboi	2007	EUA	Marfrig	2010	Malásia
JBS Friboi	2007	Argentina	Marfrig	2010	Tailândia
JBS Friboi	2007	Argentina	Marfrig	2010	Coreia
JBS Friboi	2007	Argentina	Marfrig	2010	Austrália
JBS Friboi	2007	EUA	Natura	2010	México
Lupatech	2007	Argentina	Natura	2010	Colômbia
Marfrig	2007	Uruguai	Petrobras	2010	Portugal
Marfrig	2007	Argentina	Petrobras	2010	Austrália
Marfrig	2007	Argentina	Randon	2010	Egito
Marfrig	2007	Chile	Tam	2010	Chile
Marfrig	2007	Chile	Vale	2010	Chile
Marfrig	2007	Uruguai	Vale	2010	Guiné
Marfrig	2007	Argentina	Vale	2010	Guiné
Metalfino	2007	México	Vale	2010	Zâmbia
Metalfino	2007	EUA	Votorantim	2010	Argentina
Metalfino	2007	Turquia	Votorantim	2010	Portugal
Odebrecht	2007	EUA	Votorantim	2010	Peru
Odebrecht	2007	Libia	Votorantim	2010	Portugal
Odebrecht	2007	Libéria	Weg	2010	México
Odebrecht	2007	Panamá	Weg	2010	África do Sul
Total		226 operações		55 países	

Fonte: Fundação dom Cabral (2011); Sposito, Santos (2012); Informações disponíveis na home Page das empresas. Organizado pelo autor.

- 36 Conforme se observa na figura 4, aproximadamente 60% do total de empresas se direcionaram para a América do Sul em suas operações de expansão, enquanto que a Europa foi o destino de 11% das empresas, a África, a América Central e México receberam oito operações de EM's brasileiras, que representam 10% dos investimentos para os respectivos destinos. Dessa forma, a América do Sul foi a região que mais recebeu operações internacionais de EM's brasileiras no período FHC, da mesma forma que foi o destino preferencial da primeira operação internacional.
- 37 A figura 4 permite ainda afirmar que as empresas brasileiras, nos anos do governo Lula, mantiveram a expansão internacional preferencialmente para América do Sul, entretanto, observa-se certa diversificação espacial dos investimentos internacionais com presença mais marcante para outras regiões do mundo. Se comparado com o período do presidente FHC, apesar do aumento em números absolutos, a América do Sul diminuiu a sua participação no período Lula, enquanto todas as outras regiões aumentaram participação, principalmente a América Central e México.
- 38 A diminuição da participação da América do Sul como destino preferencial das operações internacionais de multinacionais brasileiras pode revelar o desenvolvimento internacional dessas empresas, bem como a apropriação de novas vantagens de propriedade ou fatores locais mais atrativos em outras regiões do planeta.

Figura 4
Expansão das multinacionais brasileiras no período FHC e Lula



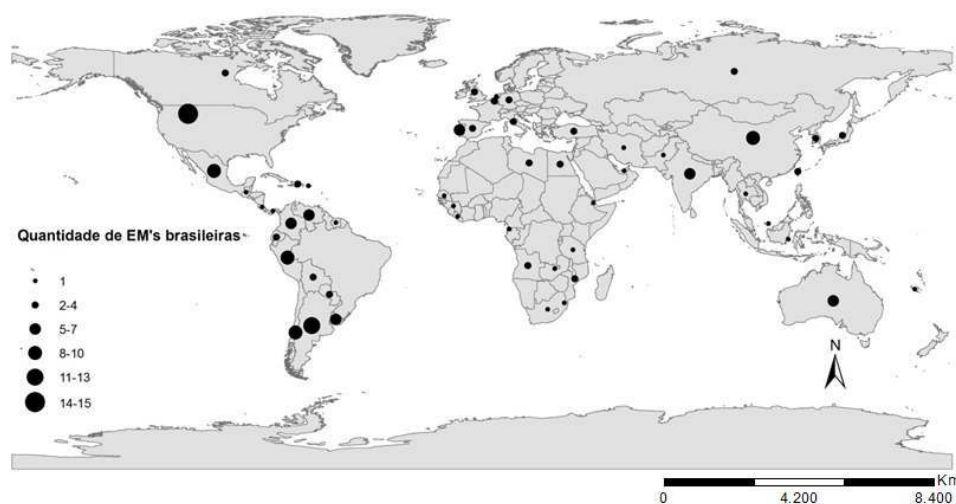
Fonte: Elaborado pelo autor, com base em SPOSITO; SANTOS, (2012); Sites oficiais das empresas.

- 39 A figura 5 permite visualizar a ampliação e diversificação dos países que receberam IED e exportação de serviços de engenharia brasileiros durante o governo Lula. Os dados confirmam as teorias de que o Brasil tem ampliado seus parceiros e investido em países em desenvolvimento devido as características culturais e do próprio nível de desenvolvimento desses países. Mais de 70% dos países que receberam investimentos brasileiros foram países emergentes ou em desenvolvimento. Contudo regiões desenvolvidas como Europa, EUA, Canadá, Japão e Austrália também têm recebido maior aporte de IED brasileiro, principalmente por meio da aquisição de empresas locais, por empresas brasileiras, já que esses são considerados mercados importantes no contexto global.
- 40 Individualmente, os Estados Unidos da América foi o país que mais recebeu novos investimentos de empresas brasileiras no período 2003-2010, totalizando 28 operações realizadas por 15 diferentes EM's. Entre as principais empresas brasileiras no país por número de operações no período, se destacam a Votorantim (sete), JBS Friboi (seis) e Gerdau (três). A Argentina que durante o governo FHC foi o principal destino das EM's brasileiras, aparece como o segundo principal destino no período que compreende o governo Lula, com 24 operações internacionais realizadas por 10 empresas, das quais se destacam a JBS-Friboi, Odebrecht e Lupatech. O país que aparece como o terceiro principal destino das operações de internacionalização de empresas brasileiras foi o Peru, que recebeu oito multinacionais em 15 diferentes operações de investimentos, já a China recebeu 10 diferentes empresas brasileiras em 10 operações internacionais.
- 41 Na Europa e África os países que mais receberam investimentos de empresas brasileiras foram Portugal, Angola e Moçambique, três países que apresentam certa proximidade cultural com o Brasil, proporcionado pelo fator linguístico e laços históricos. Portugal recebeu investimentos de cinco empresas brasileiras enquanto Moçambique recebeu quatro e Angola três.

- 42 No período 2003-2010 que compreende os dois mandatos do presidente Lula, algumas empresas se destacaram nos seus projetos de expansão internacional. Entre elas estão as construtoras Camargo Corrêa com 28 operações internacionais (16 países) e a Odebrecht com 23 operações internacionais (14 países). Outras empresas também alargaram seus investimentos internacionais, como, por exemplo, a Marfrig com 19 operações distribuídas em 11 países, a Votorantim também com 19 operações, mas apenas em 9 países e a JBS-Friboi com 10 operações (10 países).

Figura 5

Distribuição espacial da expansão das empresas multinacionais (em's) brasileiras durante o governo Lula (2003-2010)



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em SPOSITO; SANTOS, (2012); Sites oficiais das empresas.

- 43 Algumas empresas que apenas exportavam para determinados países, passaram a ter centros de distribuição ou mesmo unidades produtivas, como por exemplo, a Marcopolo, Tigre e Randon, sugerindo aderência à teoria da Escola de Uppsala de que as empresas se internacionalizam de maneira gradativa iniciando pela exportação de produtos e serviços, para posteriormente, realizar algum tipo de operação de IED. Contudo o grande número de aquisições em projetos de internacionalização evidenciam que algumas empresas não se internacionalizam de forma gradativa e, desta forma, contribuem para a centralização do capital na medida em que buscam mercados e marcas já consolidados nos países de destino. Relacionando os dados sobre as primeiras regiões de destino da internacionalização de empresas brasileiras nos períodos FHC e Lula com a teoria da Escola de Uppsala, pode-se inferir que durante a gestão dos dois presidentes, a quantidade de empresas que se internacionalizou para a América do Sul foi semelhante representando 56% e 60%, respectivamente. Contudo o número de empresas que se internacionalizou para outras regiões com maior distância psíquica é considerável, concluindo-se que a teoria da Escola de Uppsala não se aplica ao processo de internacionalização da totalidade de empresas, devendo-se analisar outros fatores que expliquem a internacionalização.
- 44 Os dados apresentados confirmam a expansão das multinacionais brasileiras nos últimos anos, especialmente durante o governo Lula, período no qual houve incentivo à internacionalização de empresas brasileiras por meio de financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e pelas diretrizes da política

externa que procurou diversificar os parceiros comerciais do Brasil no globo. A América do Sul permanece como o principal espaço de reprodução do capital brasileiro, tanto no estágio inicial quanto na expansão da internacionalização. Contudo novos espaços como a África surgem no cenário dos investimentos das grandes construtoras brasileiras e regiões desenvolvidas do mundo recebem cada vez mais IED brasileiro, principalmente pela aquisição de empresas estrangeiras pelas empresas brasileiras.

Considerações finais

- 45 As empresas brasileiras têm ampliado a sua presença internacional com a instalação de novos projetos, aquisição e fusão de empresas no país destino, *joint ventures*, centros de distribuição de equipamentos e produtos, escritórios comerciais, prestação de serviços, consistindo em um fenômeno que não se restringe aos países desenvolvidos.
- 46 Considerando o recorte temporal do trabalho percebe-se que mais da metade das empresas brasileiras que iniciaram seus projetos de internacionalização no governo FHC e Lula privilegiaram a América do Sul. Essa escolha locacional se aproxima dos pressupostos da teoria de internacionalização da Escola de Uppsala de que as empresas tendem a se internacionalizar, inicialmente, em espaços que apresentam similiaridade cultural, mesmo nível de desenvolvimento e menor distância geográfica, que é denominado de distância psíquica. A opção pela menor distância psíquica visa diminuir os riscos da internacionalização, embora, alguns críticos afirmem que com a globalização essa seletividade espacial privilegiando a menor distância psíquica se verifique em menor intensidade. Apesar do modelo de internacionalização da Escola de Uppsala se relacionar melhor com a análise da seletividade espacial das empresas brasileiras verificada ao longo deste trabalho, no que concerne ao movimento gradativo de internacionalização, que a referida escola afirma se iniciar com a exportação, depois licenciamento e por fim IED, os dados evidenciam que grande parte das EM's brasileiras optaram, no período em questão, por se internacionalizar por meio da aquisição de empresas, seja para aproveitar as marcas, mercados consolidados ou mais competitivos ou mesmo para incorporar tecnologias e Know-how.
- 47 Em que pese, tanto no governo de FHC quanto na gestão de Lula, a América do Sul ter sido o principal destino das empresas brasileiras, durante o governo Lula, houve redução da participação sul-americana, na medida em que todas as outras regiões aumentaram participação. Se no governo FHC foi Argentina que mais recebeu EM's brasileiras na primeira operação de internacionalização, durante o governo Lula, o principal destino foram os Estados Unidos da América, revelando mudanças na distribuição geográfica dos investimentos brasileiros.
- 48 Empresas como a Votorantim, Odebrecht, Petrobras, JBS-Friboi, Vale, Gerdau e Marfrig foram as que mais ampliaram sua presença internacional seja com capital próprio ou com financiamento do BNDES.
- 49 Mesmo não sendo um fenômeno recente, a internacionalização de empresas brasileiras nos últimos anos tem contribuído para uma nova organização dos fluxos de investimentos em escala mundial e desenhando uma nova configuração espacial da dinâmica capitalista em que países em desenvolvimento não são apenas espaços receptores de IED.
- 50 Com a crise financeira que o Brasil experimenta no início da segunda década do século XXI necessita-se rever as políticas de financiamento a internacionalização de empresas

via banco público na atual conjuntura econômica que tem afetado empresas domésticas que não contam com mesmo apoio oferecido pelo BNDES. Reflexões a respeito da formação de oligopólios internacionais também precisam ser consideradas, na medida que a centralização do capital pode contribuir para a concorrência imperfeita dos mercados.

BIBLIOGRAFIA

- CERQUEIRA, Daniela Franco. **A Integração do Brasil com os países da América do Sul (2003-2010):** o IED brasileiro, a IIRSA e a consolidação da dependência. Niteroi, 2014. 225 f. TESE (Doutorado em Economia). Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal Fluminense. Niteroi, 2014.
- FUNDAÇÃO DOM CABRAL (FDC). **Ranking das transnacionais brasileiras:** crescimento e gestão sustentável no exterior. Nova Lima, 2011.
- GONÇALVES, Reinaldo. **Economia Política Internacional:** Fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil. São Paulo: Campus. 2005.
- GONÇALVES, Reinaldo. et al. **A nova economia internacional** : uma perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1998. 392p.
- HILAL, Adriana; HEMAIS, Carlos A. O processo de internacionalização na ótica da Escola Nórdica: evidências empíricas em empresas brasileiras. **Revista de Administração Contemporânea**. [S.l.] v. 7, n. 1, Jan./Mar. 2003: 109-124
- SANTOS, Leandro Bruno. **Estado e internacionalização das empresas multilatinas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 577p. .
- SPOSITO, Eliseu; SANTOS, Leandro Bruno. **O capitalismo industrial e as multinacionais brasileiras**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

NOTAS

1. A Fundação Dom Cabral é uma escola de negócios que realiza anualmente o ranking das transnacionais brasileiras utilizando a metodologia da United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). O Ranking FDC de 2011 realizou pesquisa com 78 empresas com algum tipo de operação internacional. Desse total, apenas 51 responderam aos questionários, dos quais 49 foram validados.
2. O indicador é calculado para as empresas que atuam no exterior a partir de unidades próprias, segundo a metodologia da UNCTAD - United Nations Conference on Trade and Development, Segundo a formula:
$$\frac{(\text{Ativos no exterior})}{(\text{Ativos totais})} + \frac{(\text{Receitas no exterior})}{(\text{Receitas totais})} + \frac{(\text{Funcionários no exterior})}{(\text{Funcionários totais})}$$

RESUMOS

O cenário econômico mundial do início do século XXI pode ser caracterizado por mudanças na organização espacial da remessa de investimentos e origem das grandes empresas que não se restringem aos países chamados desenvolvidos. O presente trabalho busca identificar as principais multinacionais brasileiras e seus critérios de seletividade espacial no período que compreende os governos dos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva relacionando com a teoria de internacionalização da Escola de Uppsala.

The global economic scenario in the early 21st century is characterized by changes in spatial organization of investment shipments as well as the origin of large companies that are not restricted to developed countries. This paper seeks to identify main Brazilian multinationals and their criteria for space selection in the period concerning the governments of presidents Fernando Henrique Cardoso and Luiz Inácio Lula da Silva relating to the Uppsala internationalization model.

El escenario económico mundial del siglo XXI es caracterizado por cambios en la organización espacial del origen de las inversiones y de las grandes empresas, que no se restringen a los países desarrollados. El presente trabajo busca identificar a las principales multinacionales brasileñas y sus criterios de selección espacial en el período que comprende los gobiernos de los presidentes Fernando Henrique Cardoso y Luiz Inácio Lula da Silva, haciendo una relación con la teoría de internacionalización de la Escuela de Uppsala.

Le scénario économique mondial du début du 21^{ème} siècle peut être caractérisé par des changements dans l'organisation spatiale des envois de fonds d'investissements et par l'origine des grandes entreprises qui ne se limitent pas aux pays dits développés. Le présent travail vise à identifier les principales multinationales brésiliennes et leurs critères de sélectivité spatiale dans la période qui comprend les gouvernements des présidents Fernando Henrique Cardoso et Luiz Inácio Lula da Silva, en les mettant en rapport avec la théorie de l'internationalisation de l'école d'Uppsala.

ÍNDICE

Mots-clés: Investissement direct étranger, Multinational Enterprises.FHC, Lula.

Palavras-chave: investimento externo direto, empresas multinacionais, FHC, Lula.

Keywords: Foreign Direct Investment; Multinational Companies; FHC; Lula.

Palabras claves: Inversiones externas directas, empresas multinacionales, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva.

AUTORES

LUÍS ALBERTO MIRANDA GOUVEIA

Mestre em Geografia; Universidade Federal Fluminense

Email: luis_campista@yahoo.com.br

ELZIRA LUCIA DE OLIVEIRA

Doutora em Demografia; Professora Universidade Federal Fluminense

E-mail: elziralucia@id.uff.br